

A Bireme/OPAS/OMS participou do seminário internacional Controle de Qualidade das Revistas Científicas, organizado pelo Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia (Concytec) e pela Representação da Organização Pan-americana no Peru. Regina Castro, coordenadora da unidade de Comunicação Científica em Saúde (CCS), fez a apresentação "Uso de dados estatísticos da SciELO na avaliação e gestão de revistas". O tema foi solicitado pelos organizadores.

■ Agricultura

Previsão de safra

O trabalho "Sistema de previsão da safra de soja para o Brasil" baseou-se em modelos empíricos regionalizados para estimativa da produtividade da soja, a partir de um banco de dados de área cultivada em escala municipal e de um sistema de monitoramento agrometeorológico de abrangência nacional. Os autores são Eduardo Delgado Assad, Fábio Ricardo Marin, Silvio Roberto Evangelista e Felipe Gustavo Pilau, da Embrapa Informática Agropecuária, de Campinas, José Renato



USDA

Bouças Farias, da Embrapa Soja, de Londrina, e Hilton Silveira Pinto, Jurandir Zullo Júnior, do Centro de Ensino e Pesquisa em Agricultura, de Campinas. Os modelos incorporam a base conceitual proposta por Doorenbos & Kassam, com ajustes empíricos para cada região do Brasil, considerando-se as diferenças quanto ao potencial produtivo das principais variedades e as peculiaridades dos sistemas de produção utilizados nas diferentes regiões. A base de informações de área cultivada de cada estado foi constituída por dados provenientes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). A produção de soja, entre as safras 2000/2001 e 2005/2006, foi estimada e comparada com os levantamentos da Conab. A análise estatística pelo teste t indica não haver diferença entre as estimativas e os dados oficiais. Bons ajustes foram obtidos para as produções regionalizadas, com desvios mais expressivos nos estados do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, do Maranhão,

do Piauí e da Bahia. Para os dados consolidados em escala nacional, o maior desvio observado foi de 5,81%, na safra 2000/2001, e o menor de 0,62% na safra 2005/2006.

PESQUISA AGROPECUÁRIA BRASILEIRA – V. 42 – Nº 5
– BRASÍLIA – MAIO 2007

www.revistaspesquisa.fapesp.br/scielo138/agricultura.htm

■ Fisiologia

A sede é suficiente?

O objetivo deste estudo é fazer uma revisão sobre a hidratação e discutir se, durante o exercício, a reposição de líquidos de acordo com a sede é suficiente para hidratar o indivíduo. O título do trabalho é "Hidratação durante o exercício: a sede é suficiente?", de autoria de Christiano Antônio Machado-Moreira, Ana Carolina Vimeiro-Gomes, Emerson Silami-Garcia e Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues, da Universidade Federal de Minas Gerais. A perda hídrica pela sudorese induzida pelo exercício, especialmente realizado em ambientes quentes, pode levar à desidratação, alterar o equilíbrio hidroeletrólítico, dificultar a termorregulação e, assim, representar um risco para a saúde e provocar uma diminuição no desempenho esportivo. Tem sido citado que os atletas não ingerem voluntariamente água suficiente para prevenir a desidratação durante uma atividade física. Em razão disso são propostas recomendações internacionais sobre a hidratação: segundo o American College of Sports Medicine (ACSM), deve-se ingerir aproximadamente 500 mililitros (ml) de líquidos nas duas horas antecedentes ao exercício. Durante o exercício, os atletas devem começar a beber desde o início e em intervalos regulares, em volume suficiente para repor as perdas pela sudorese ou o máximo tolerado. A National Athletic Trainer's Association (Nata) faz as seguintes recomendações: ingerir 500 a 600 ml de água

ou outra bebida esportiva duas a três horas antes do exercício e 200 a 300 ml dez a 20 minutos antes do exercício; durante o exercício, a reposição deve aproximar as perdas pelo suor e pela urina e pelo menos manter a hidratação, com perdas máximas correspondentes a 2% de perda de peso corporal; após o exercício a hidratação deve ter como objetivo corrigir quaisquer perdas líquidas acumuladas. Além disso, o ACSM e o Nata fazem referências sobre temperatura e palatabilidade do líquido, adição de carboidratos e eletrólitos de acordo com a intensidade e duração do exercício e estratégias de hidratação para facilitar a acessibilidade do atleta ao líquido. No entanto, outros autores questionam o uso da hidratação em volumes predeterminados e sugerem que a ingestão de líquidos de acordo com a sede seja capaz de manter o equilíbrio fisiológico.



REVISTA BRASILEIRA DE MEDICINA NO ESPORTE – v. 12 – Nº 6 – NITERÓI – NOV./DEZ. 2006

www.revistapesquisa.fapesp.br/scielo138/fisiologia.htm

■ **Biomedicina**

Obesidade em pauta

A cultura ocidental valoriza a magreza, embasada principalmente pelas descobertas da biomedicina, que acabou por transformar o corpo gordo em sinônimo não apenas de falta de saúde, mas também de um “corpo desumanizado”, um caráter pejorativo de falência moral. Assim, a pesquisa “O gordo em pauta: representações do ser gordo em revistas semanais”, de Nara Sudo, da Rede Metodista de Educação do Sul, Porto Alegre, e Madel T. Luz, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, teve por objetivo analisar as representações sociais sobre ser gordo por meio de uma análise qualitativa e interpretativa de 14 reportagens que foram capas de duas revistas semanais brasileiras: *Veja* e *IstoÉ*, entre os anos de 1997 e 2002. O artigo privilegiou a utilização do conceito de representações sociais, tal como é utilizado pelas ciências sociais, por permitir compreender por que algumas questões – no caso, o indivíduo ser gordo – ganham visibilidade em um determinado momento. Sobressairam das análises que as revistas destacam depoi-

mentos baseados no saber científico e biomédico que legitimam a escolha de um tipo de corpo caracterizado como supostamente “ideal”, por ser considerado sinônimo de saúde, felicidade e alegria: o magro. Assim, um cerco à gordura é declarado e estratégias de “luta” são formuladas, recaindo, em última análise, sobre o ser gordo.

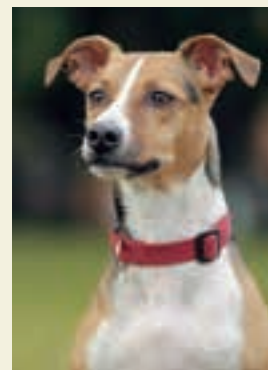
CIÊNCIA & SAÚDE COLETIVA – v. 12 – Nº 4 – RIO DE JANEIRO – JUL./AGO. 2007

www.revistapesquisa.fapesp.br/scielo138/biomedicina.htm

■ **Veterinária**

Vida de cachorro

Com o objetivo de avaliar a expectativa de vida dos cães na área metropolitana de São Paulo e as causas relacionadas com a morte destes, foram analisados dados correspondentes a 2.011 animais provenientes de um hospital veterinário universitário, de clínicas particulares, de canis e de proprietários particulares. A idade mediana de sobrevivência dos animais foi de 36 meses. Os animais de porte médio, grande e gigante apresentaram maior longevidade que os cães de porte pequeno. As fêmeas viveram mais que os machos e os animais castrados viveram mais que os não-castrados. Não houve diferença na expectativa de vida entre os animais de raça pura e os animais sem raça definida. Constatou-se que as causas mais importantes de mortalidade foram, em ordem decrescente de ocorrência, as doenças infecciosas, as neoplasias e os traumas. Pode-se concluir que a expectativa de vida dos cães foi menor que a observada na literatura internacional e que as doenças infecciosas constituem a principal causa de óbito. O estudo foi apresentado no artigo “Expectativa de vida e causas de morte em cães na área metropolitana de São Paulo (Brasil)”, de Henri Donnarumma Levy Bentubo, da Universidade de São Paulo (USP), Maurício Angelo Tomaz, da Universidade Paulista (Unip), Eduardo Fernandes Bondan, da Unip, e Maria Anete Lallo, da Unip e da Universidade Metodista de São Paulo.



FOTOS MIGUEL BOYANAN

CIÊNCIA RURAL – v. 37 – Nº 4 – SANTA MARIA – JUL./AGO. 2007

www.revistapesquisa.fapesp.br/scielo138/veterinaria.htm